



O VETERANO

Editado pelo Grupo Celulósico "VELHA GUARDA"

Assim nasceu...

No final da época de 50, poucos anos depois do arranque, foi criado um Serviço de Segurança na Fábrica de Cacia da Companhia Portuguesa de Celulose.

Sentiam então, os responsáveis por este serviço, ser necessário e urgente divulgar as regras fundamentais de segurança. Pretendia-se, mas não por simples decreto, levar as pessoas a tomar os cuidados e a utilizar os meios que permitiam reduzir o número de acidentes e a gravidade dos que se verificassem.

Vivia-se também nessa época, e um pouco por toda a Fábrica, as preocupações de elevar o nível de formação académica e de criar hábitos de leitura entre a população fabril, o que levou, aliás, à tomada de algumas medidas concretas, por parte da Direcção e de alguns serviços.

A publicação de um jornalzinho, despretensioso e acessível à maioria da população fabril, surgiu assim, quase naturalmente, como um contributo, mesmo que modesto, para alcançar aqueles objectivos. Nasceu assim, em Maio de 1961, o "Boletim Informativo" da Comissão de Segurança, inicialmente a preto e branco, depois a cores, mas sempre em cópia.

Através das páginas do Boletim revelaram-se artistas e poetas sensíveis e imaginativos, prosadores e técnicos hábeis e sabedores, charadistas meritorios, detectives perspicazes, eu sei lá...

O tempo foi passando, a situação do país e da própria Fábrica foi-se modificando, e o Boletim foi-se adaptando ao que se ia sentindo serem as novas necessidades. Mudou de formato, mudou de nome, voltou a mudar de formato, voltou a mudar de nome, de aspecto gráfico e até de conteúdo mas, é importante ter isso presente, muitos dos colaboradores iniciais continuaram a brilhar nas suas páginas, acompanhando o progresso e para ele contribuindo.

O jornal tornou-se, ao longo dos anos, um elo de ligação entre trabalhadores e entre estes e a Empresa, e não deixou de o ser quando a Empresa mudou de âmbito ou de estatuto.

É mal, evidentemente, estamos demasiado agarrados ao passado ou condicionados por ele, mas não é bom, e não só do ponto de vista ético, desvalorizar o que de bom foi feito anteriormente. Há, no mínimo, que acompanhar os tempos, mas construindo sobre o que de válido vem de trás.

Objectivamente, penso eu, "O Nosso Jornal" foi sempre um bem, tanto para a Empresa, favorecendo a sua imagem quer no exterior, quer junto da população fabril, como para os trabalhadores e ex-trabalhadores, pela informação veiculada através das suas páginas e pela possibilidade que lhes proporcionou de darem a conhecer as suas ideias e talentos. Sendo assim, é pena se o jornalzinho não vier a renascer, porventura sob forma, aspecto gráfico, conteúdos mais actuais, mas sem perder a individualidade que lhe conferem as características fundamentais, que sempre teve, de ser um jornal escrito pelos trabalhadores e de nunca ter alimentado conflitos nem criado situações difíceis à Empresa.

Alberto Frazão

CUMPRIU-SE UMA GERAÇÃO

por CARLOS A. VALENTE

Foi a geração de 50 que concebeu e projectou, deu corpo, pôs a funcionar e consolidou a Fábrica de Cacia. De 1950 a 1980 se cumpriu o ciclo de intervenção de uma geração de gestores, técnicos e operários, persistentemente envolvidos desde o início no empreendimento, e que, agora, pela fatalidade dos anos, se retiraram já - Missão cumprida.

Já em várias ocasiões a história de Cacia foi referida em "O Nosso Jornal" (a), mas outros relatos mais circunstanciados constam de três publicações: - o livro saído em 1958 com o título "Companhia Portuguesa de Celulose"; a revista das bodas de prata "25 Anos Celulose Cacia" (1953-1978), e o livro comemorativo "30 Anos de Eucalipto".

O primeiro livro faz o relato circunstanciado da fundação da Companhia e suas administrações e das instalações fabris iniciais. É assinado pelo conselho de administração e tem apresentação do Prof. Eng. Ferreira Dias (b) O Eng. Eduardo Rodrigues de Carvalho, à altura presidente do conselho, foi o seu relator. (Foi este gestor que, durante 1952, residiu em Cacia para impulsionar no terreno os trabalhos preparatórios do arranque fabril.)

O 25º aniversário do início da laboração das instalações (em 1978) foi comemorado com a edição da revista "25 Anos Celulose Cacia", um documento extraordinariamente vivo da Fábrica e comunidade envolvente.

A terceira publicação, de luxo, comemorou a data significativa do início da produção de pasta branqueada de eucalipto.

Com estes documentos marcanetes, e vários textos soltos em "O Nosso Jornal", fica assim coberta a história da Celulose e da sua geração pioneira.

É justo, agora, que se lembre numa palavra todos os que, desde a fundação, trabalharam na Fábrica de CACIA. Quando jovens, nesta então nova e esperançosa e complexa unidade fabril, quanto nos empenhámos todos - do mais humilde trabalhador ao técnico mais especializado - , denodadamente, para a sua consolidação e expansão no futuro! A Fábrica fez parte da nossa vida.

Neste momento, é ainda justo que se lembre um dos seus fundadores - o Engenheiro Vasco de Quevedo Pessanha (c) -, que foi o grande e permanente referencial do empreendimento e que a ele se dedicou inteiramente.

No final da década de 50, até à constituição da primeira direcção de portugueses em 1968, desempenhou cumulativamente funções de administrador e de director-geral na Fábrica, onde se deslocava frequentemente para visita às instalações, reuniões com os responsáveis mais chegados e decisões necessárias. O contacto com as chefias e com os seus trabalhadores em geral foi assim permanente e frutuoso. Viveu, pois, todos os problemas da exploração, comerciais e dos grandes investimentos de expansão da Fábrica, os problemas de mercado e financeiros, aos quais

Pág 6 ➤

CRÍTICA LITERÁRIA

por C. A. VALENTE

É já interessante a lista de publicações, saídas nestes últimos anos, da autoria de agora ex-trabalhadores de Cacia. Edições da Portucel, da C.M.A. e até dos próprios.

Merecem agora referência mais dois livros recentes: A RIA DE AVEIRO e SARRAZOLA - TERRA DOS SALGUEIROS, dos respectivos antigos colegas de trabalho João Pereira de Lemos e Bartolomeu Conde, respectivamente. Aqui deixamos algumas apreciações.

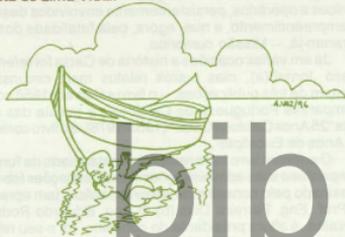
RIA DE AVEIRO

É edição da Câmara Municipal de Aveiro, com capa de Jeremias Bandarra, outro dos antigos colegas, e desenhos deste e do autor. Os pequenos motivos desenhados, como que a dividir capítulos, são simples e agradáveis.

A Ria de Aveiro vem sendo motivo de inspiração de escritores e artistas.

É obrigatória, na literatura, a invocação daquela impressionante abertura de Raúl Brandão em "Os Pescadores": A ria é um enorme pólopo com os braços estendidos pelo interior desde Ovar até Mira.

Ou aquela invocação, igualmente impressionante, do bispo D. João Evangelista de Lima Vidal:



Eu nasci em Aveiro, ao que suponho na proa de alguma bateira. Fui baptizado à mesma hora nas águas da nossa Ria. Abriram-se-me os ouvidos ao som cadencioso dos remos no mar.

As suas gentes, os nevoeiros, os poentes, os espelhos de água, os barcos, os palheiros, as pirâmides de sal, os apetrechos -- tudo são permanente inspiração pictórica.

O Zé Simões é o companheiro do João Lemos na sua longa digressão bordejando a Ria, pelos canais, esteiros, ilhas, juncais. A descrição vai sucedendo e alternando com referências históricas, religiosas, problemas de poluição, costumes e tradições, perigos e dramas da Ria, etc. Tudo escrito num cursoivo naturalmente desprezioso, que calva página a página.

Compreendo que, para quem tenha nascido por estas bandas e vivido a Ria, ela seja sua referência e paixão. Não é o meu caso, apesar de muito apreciar a especificidade deste acidente geográfico, bem moderno, aliás, na história da geografia, mas tão profundamente condicionante de vida há alguns, poucos, séculos. Sem ter vivido a Ria, não deixo aqui de registar uma situação que bem me fez reflectir na generosidade e perigos deste ecossistema. -- Foi o caso, quando ao serviço da Celulose, dezenas de anos atrás, com colaboradores chegados, fizemos um levantamento da poluição no curso do baixo Vouga, em frágil barquinho, até à foz, no Parrachil. Para baixo tudo bem. Mas feitas as colheitas necessárias, inesperadamente, a maré começou a subir, a subir a galope, tudo alagando e quase apagando pontos de referência para o regresso. Eram as marés equinociais. Quase ao lusco-fusco, sentimo-nos naufragos num mar que corria velozmente, para onde?. Que pequezas a nossa no meio daquele fenómeno natural... Valeu a experiência do marinheiro e a potência do motor...

Em resumo, uma publicação que confirma os dotes descritivos do autor, já provados, aliás, no seu anterior livro sobre Vilar.

Finalizo com um reparo: o de que é grande a sucessão de nomes de ilhas e esteiros, nada dizendo para quem conhece mal a Ria. Como já pessoalmente expressei ao autor, faltam-lhe uns mapazinhos, mesmo que esquemáticos, que nos ajudem a melhor saborear algumas passagens.

SARRAZOLA

TERRA DOS SALGUEIROS

Este livro, de 62 páginas, é edição do autor e tem a capa ilustrada pelo sempre estimado e pendular Jeremias Bandarra, esse espontâneo e "gratuito" artista.

O tema etnográfico é muito caro, como outras publicações o atestam já, a este nosso ex-colega de trabalho e que foi profícuo director de "O NOSSO JORNAL" durante vários anos -- o "pena de ouro" --, que agora frequentemente assina escritos em jornais, para deleite dos leitores.

Neste trabalho de investigação sobre a origem deste topónimo da sua terra natal, carrou informações de vária origem, que sistematizou assim: 1º inquirição junto de várias personalidades, 2º síntese das "teses" recolhidas, 3º informações de Espanha, 4º Sarrazola de Alter do Chão, 5º crítica dos elementos recolhidos, 6º O salgueiro/A Paisagem/A Geografia e 7º o ácido salicílico com o "Hino ao salgueiro" (este do nosso inspirado e também ex-colega Ezequiel Arteiro).

Esta coisa da toponímia tem que se lhe diga. Não são as historietas de imaginação popular, algumas anedotas, que explicam a etimologia dos topónimos. Muitos se perdem na penumbra dos milénios, de civilizações e povos que por cá tiveram o seu habitat.

Este é um trabalho sério, não de certeza feitas, mas que aponta com probabilidade de acerto, como o Conde encarece, para a explicação do filólogo Batalha Gouveia: *salix* do latim, *saule* do francês, *sauce* do castelhano, *sarats* e *saras* do vasco, mais o étimo *ola* o que tudo caldeado, através dos tempos, deu o nosso Sarrazola -- terra dos salgueiros. -- Salgueiros sempre a bordejar regatos, arriolos, rios e sempre os salgueiros a servirem de material para apetrechos de lavoura e caseiros e para a pesca, tinturaria doméstica e farmacopeia.

Encerra este livro com alguns textos ad hoc, dos quais me permito realçar, pelo valor literário, o de Fátima Silva. E do nosso Ezequiel Arteiro:

Mas quem dirá que o salgueiro
Nascido em qualquer lameiro
Tem riqueza desmedida!
É uma fonte de aspirina,
Rainha da medicina,
Tão útil à nossa vida!

É mesmo assim o salgueiro!
Lá por nascer no lameiro
Tem este valor profundo!
Bem hajam os salgueirais
De Sarrazola e outros mais
Que existem por todo o mundo!



Salgueiros sempre a bordejar regatos...

Recordações

Ingressei na então Companhia Portuguesa de Celulose - CPC, em 1 de Setembro de 1953 com a atribuição de estudar e organizar a contabilidade da empresa.

Na manhã desse já distanciado dia, um pouco antes das 9 horas, já me encontrava nos escritórios da empresa aguardando nervosa e impacientemente a chegada do eng. Villas Boas, para iniciar a minha nova actividade profissional. Foi nessa manhã que fui apresentado aos funcionários administrativos, entre eles o Pericão Galo e o Carlos Oliveira, este ainda rapazinho e estudante nocturno na Escola Comercial e Industrial de Aveiro.

Naquele ano de 1953, os administrativos da CPC desconheciam por completo a contabilidade industrial, mas não obstante essa falta, desde logo mostraram sério empenho na sua aprendizagem. Para as novas tarefas que se avizinhavam e por minha indicação, foram admitidos outros funcionários, como o Arlindo Pacheco e o Jeremias Bandarra, este meu antigo aluno.

Em Setembro daquele ano, já estava a laborar a Fábrica de Pasta, contando-se que, em breve, a Fábrica de Papel iniciaria a sua actividade papelreira.

Houve, pois, que apressar-me no estudo de planificação contabilística, de modo a possibilitar a determinação dos custos de produção das pastas líquidas e prensadas na Kamy e os custos dos papéis que iam ser produzidos.

O processamento contabilístico revelou-se muito complexo e obrigou-nos, antes de tudo, ao estudo das tecnologias das duas fábricas, da central geradora e das oficinas de manutenção. Na altura não existia no País nenhuma fábrica similar que servisse de apoio e facilitasse a incumbência que me estava atribuída.

Em Cacia, encontrei, unicamente, um plano contabilístico da firma "RASTOR" e adquirido pelo saudoso Sousa Macedo, da Sede, numa visita, com a Administração, a algumas fábricas de celulose, a Finlândia, e um sintético estudo económico de custos e proveitos das pastas e papéis, de autoria do sr. Amperla, técnico finlandês de elevada categoria e responsável pela montagem do complexo industrial.

Com os escassos elementos disponíveis, iniciámos o almejado planeamento contabilístico industrial, embora com certo temor e com muitas dúvidas e insónias, conseguindo-se delinear um conjunto de "centros de custo" que abrangeram toda a estrutura fabril e que passaram a designar-se por "Contabilidade de Custos", terminologia mais consentânea com as realidades da empresa de Cacia.

Outra grande dificuldade encontrada foi a extensa nomenclatura inglesa da complexa maquinaria e das secções das fábricas. Aqui, os engenheiros responsáveis prestaram colaboração valiosa, sugerindo, por vezes, termos mais conformes com a realidade das instalações.

Com as boas vontades encontradas, elaborou-se um plano de contas cuja base foi o plano "RASTOR", e assim desta forma, nasceu o plano contabilístico de Cacia, que, embora incipiente, devido a pouca ou nenhuma experiência dos autores, conseguiu resolver muitas das dúvidas e dar cumprimento à determinação mensal dos custos das fábricas.

Passaram-se alguns anos. Actualizou-se o plano com novos elementos surgidos. As fábricas ampliaram-se e desenvolveram-se tecnologicamente com os investimentos que provocaram acréscimos nas produções e o aparecimento de outros produtos, como o verificado no sector do branqueio, como o fabrico de papéis de impressão e com o arranque de outras duas unidades de fabrico, como a Fábrica de Cartão Canelado e a Fábrica de Pasta Mecânica.

Houve, pois, que actualizar o plano contabilístico existente, que foi inteiramente refundido e harmonizado com outros "centros de custo", possibilitando à contabilidade o custeio mensal dos novos produtos, como os custos das pastas branqueadas de pinho -- mais tarde de eucalipto --, dos papéis branqueados, do cartão canelado, das caixas, dos sacos, da fita gomada e da pasta mecânica.

A criação dos "centros de custo" foi, naquela altura, muito

por
Lamy
Laranjeira



Contabilísticas

pensada e discutida entre os colaboradores directos da contabilidade, como o Dr. Teixeira Viteiro e o Pericão Galo. Mais tarde, por volta de 1962, caso não erre, os Serviços Administrativos passaram a usufruir da colaboração do Dr. Vinagre, afecto à Contabilidade, e do Dr. Carlos Ribeiro, este a dirigir a Coordenação Técnica.

No processamento mensal de custos, deparou-se-nos de imediato o problema do cálculo dos fabricos da Central Geradora, como o "Vapor", "Electricidade" e "Água" captada no Rio Vouga.

Ora, a produção de "Vapor" exigia o consumo da "Electricidade", da "Água" e do próprio "Vapor", por sua vez, a produção de electricidade implicava o conhecimento do consumo do "Vapor" da própria "Electricidade" e da "Água"; finalmente, a "Água" captada do rio, necessitava do custo da "Electricidade".

Era assim o chamado problema contabilístico das "cedências recíprocas" que, felizmente, se resolveu pelo método prático das "aproximações sucessivas", uma vez que a resolução algébrica de três equações a três incógnitas não era exequível, dada a grandeza dos coeficientes das incógnitas que ultrapassavam a capacidade normal das máquinas Facits. Mas, em pouco tempo, o Pericão e o Carlos não necessitavam mais do que três tentativas para o cálculo destes três elementos da Central.

Com as alterações introduzidas no Plano de Contas, foi sempre dada resposta, em devido tempo e com rigor, às solicitações da Sede. Porém, ao fim de algum tempo, verificaram-se pequenas diferenças nas contabilidades da Sede e de Cacia. Para obviar estas diferenças arrelviadas, Lisboa passou a submeter a Cacia um extracto da sua conta geral "Laboração" para detecção e correcção das discordâncias havidas. Mensalmente, e com paciência, lá se deparavam gastos que, quase na sua totalidade, não tinham sido comunicados a Cacia.

Este conjunto de diferenças registadas mensalmente não podia continuar, e para um maior e eficiente controlo, estudou-se um "mapa de controlo" dos custos que passou a abranger as operações das fábricas e todo o conjunto dos "centros de custo" principais e secundários, eliminando-se, desta forma, a aborrecida e demorada pesquisa mensal.

Este "mapa de controlo" foi objecto de estudo detalhado, de várias trocas de impressões e aperfeiçoamentos, além de muitas horas consumidas na sua estrutura.

A "Contabilidade de Custos" prestou ainda colaboração à Socel durante a organização da sua contabilidade interna.

A "Contabilidade de Custos" possuía somente duas máquinas de calcular Facit e apesar da exiguidade de meios materiais disponíveis, esta Contabilidade cumpriu sempre as suas obrigações mensais, remetendo a Lisboa, dentro dos prazos, as contas de todo o complexo fabril.

Finalmente, não podemos deixar de registar a acção frutuosa e sempre interessada do engenheiro Rodrigues de Carvalho, presidente do Conselho de Administração, e do engenheiro Quevedo Pessanha, Administrador. O primeiro já falecido e o segundo ainda felizmente vivo. ■

OS DIAS DA

por Pedro Ferreira

Celulose

O forno da cal era aquele canudo de ferro com cerca de trinta metros de comprimento e dois e meio de diâmetro, que rodava, dia e noite, lá para os lados da "Cautificação". Era forrado interiormente e atodo o comprimento com tijolos refractários que, periodicamente, necessitavam de ser inspecionados, pois que era lá dentro que se fazia a transformação das lamaz calcárias em cal viva à custa de uma comprida lingua de fogo projectada por um maganço de fuel-óleo a arder e a fazer um calor dos infernos: qualquer coisa como 1200 graus centígrados!

Ora foi precisamente dentro desse forno que se passou a cena que vou contar.

Feita esta introdução vagamente técnica, deixo ao leitor o trabalho de ir imaginando o cenário enquanto a acção decorre e, para encurtar caminho, passo já aos protagonistas, razão primeira de toda a história.

Com a fábrica parada para as usuais reparações periódicas, assim estava também o forno, já suficientemente arrefecido para que se lá pudesse entrar dentro sem correr o risco de ficar assado.

Foi nessa altura que, aproveitando o ensejo, se colocaram em cena o engenheiro novato e tímido, o encarregado sabido, o serralheiro sênior já com muitos anos de prática da profissão e da vida e o operador do forno.



O engenheiro novato estava dentro do forno, lá bem ao fundo, na zona de entrada das lamaz. Levava na cabeça o capacete de segurança que, além de feivado para dar o exemplo, evitava que pedaços de cal soltos das paredes lhe sujassem o cabelo. Vestia uma gabardina velha comprada em Espanha, por sinal muito barata, que o cobria quase até aos pés.

Junto dele, o encarregado sabido segurava uma gambiarra com uma lâmpada acesa e apontava-a com excessivo zelo para as paredes do forno. Na cabeça, o capacete de segurança, que colocava sempre com cuidadoso rigor profissional e que tinha também a vantagem de encobrir uma careca precoce.

Na extremidade oposta, por onde a cal sai do forno, aguardava, para o que desse e viesse, o serralheiro sênior. Perto dele, o operador esperava um pouco entediado, que a inspecção terminasse.

O serralheiro protegia a cabeça com um boné e o operador nem boné usava.

Estava o engenheiro novato a apalpar tijolos, não fosse haver por ali alguma fractura escondida à vista desarmada, quando ouviu, com a nitidez de lhe estarem a ser ditas ao ouvido, as seguintes palavras:

- Olha para eles. Parecem mesmo o padre e o sacristão.

A voz era-lhe familiar e não vinha com toda a certeza, do seu vizinho do lado que, naquele momento, se virava de costas para poder rir à vontade.

Não havia dúvidas, a voz vinha lá do fundo e tinha saído da boca do serralheiro para os ouvidos do seu amigo operador, certamente deliciado com a graça.

O engenheiro novato e tímido, reagiu como reagem os engenheiros

novatos e tímidos em situações semelhantes: tal como a mulher séria, não teve ouvidos e continuou a delicada vistoria, agora com redobrada atenção, enquanto que o encarregado sabido, muito sabiamente e já recuperado da vontade de rir, não deu o mínimo sinal de ter ouvido o que quer que fosse.

Terminada a demorada missão, regressaram os dois ao ponto de partida, onde os esperavam, numa atitude de profunda reverência, o serralheiro e o seu companheiro de ocasião.

Foi então que o engenheiro novato e tímido, subitamente inspirado e demonstrando uma aparente curiosidade científica, se dirigiu ao autor do pipoco e, apontando para o encarregado, que se mantinha perfilado junto de si, mas agora com a luz da gambiarra já apagada, disparou à queima-roupa:

- Diga-me cá uma coisa. Qual de nós dois é o padre e qual é o sacristão?

Fez-se um longo silêncio. O serralheiro olhava, intrigado, para o operador que, por sua vez, lhe retribuía o olhar com uma ponta de

preocupação à mistura, não fossem as coisas dar para o torto.

Então o serralheiro lá conseguiu recuperar a sua natural presença de espírito e, com um sorriso maroto, acabou por confessar-se:

- Como é que o senhor ouviu? Eu falei tão baixo e estava tão longe de si...

O engenheiro novato, agora já menos tímido pelo efeito encorajador da

vítoria alcançada, aproveitou a ocasião para puxar pelos galões e dar ali uma sapiente lição de acústica, terminando por recomendar que, para o futuro, houvesse mais cuidado com os fenómenos da transmissão do som em recintos fechados, muito especialmente dentro de um forno de cal.

Se soubesse então o que sabe agora, teria concluído a sua exposição com um esclarecimento suplementar: a acústica, meus senhores, tal como a lingua portuguesa, é por vezes muito traçoira...

E assim acabou a cena, que teve lugar lá por alturas de 1957, sendo como se segue a respectiva ficha técnica:

* Engenheiro novato e tímido - Adelino Pedro Ferreira

* Encarregado sabido - Artur Duarte Garcia, que pouco tempo

depois se transferia para a Celulose do Ultramar em Angola

* Serralheiro sênior com longa prática da profissão e da vida - Filipe Eduardo da Silva

* Operador do forno da cal - parece-me que foi o Joaquim do Amaral mas se não foi, que me perdoe o engano.

A terminar, gostava de dizer a todos os que tiveram a paciência de ler a história até ao fim que, apesar do feito do serralheiro e do feito reservado do engenheiro, ou talvez por isso mesmo, veio a estabelecer-se entre os dois uma sincera e longa amizade.

A AMIZADE É COMO A SOMBRA --
-- CRESCE COM O OCASO DA VIDA.

W. Goethe

As instalações de investigação em Eixo foram projectadas e postas a funcionar em 1982, juntamente com departamentos (direcções) de "Projectos Industriais" e de "Gestão Industrial". A "Direcção Técnica", com então chamado a este conjunto de departamentos, tinha por missão dar apoio a todas as fábricas do grupo para aquelas áreas.

O eng. Carlos Valente foi o técnico que, terminada a sua responsabilidade na unidade fabril Cacia em 1981, assumiu a missão do projecto, instalação dos serviços e início dos trabalhos de pesquisa aí em Eixo-Quinta de S. Francisco.

Em 1993 esses serviços de pesquisa deram origem a uma nova empresa -- a Tecnocel -- aquando da reestruturação do Grupo Portucel, constituído em "holding". No fim de 1993 / início de 1994 foi estudada a fusão da Soporcel-Torre Bela com a Tecnocel-Eixo. Em Março de 1994 o eng. Carlos Valente aposentou-se, por limite de idade.

No número de Janeiro/Fevereiro de 1995 publicou a revista INGENIUM, da Ordem dos Engenheiros, um artigo da autoria deste engenheiro, no qual foi feito o ponto do que chamou em título "A Investigação Aplicada no Sector da Celulose e Papel". O VETERANO achou interesse recolher neste nosso número algumas impressões com o eng. Valente sobre este trabalho.

O VETERANO - No seu artigo, eng. Valente, faz uma crítica ao nível de investimento em investigação nas celuloses. Quer referir novamente, em resumo, este ponto para "O VETERANO"?

CV - *A resenha que apresentei é esclarecedora: o esforço de investimento foi de 0,4 a 0,5 do valor das vendas das quatro fábricas de pasta de 1994, o que se tem de considerar baixíssimo, mais decepcionante é se o estendarmos às fábricas de papel -- o conjunto, portanto, de todo o sector floresta-celulose-papel. É o grave ainda é que este encargo se não se reparte por todas as unidades fabris, mas praticamente apenas à responsabilidade da Soporcel e da Portucel.*

Que este sector é um dos mais estratégicos no nosso país é já uma banalidade afirmá-lo. Governantes e responsáveis da comunidade científica do país (agora com um Ministério) afadigam-se em afirmar que o futuro do tecido produtivo nacional passa muitíssimo pela pesquisa e inovação. A realidade é que continuamos a situar-nos muito aquém do que seria necessário. As celuloses, em princípio "mais ricas", deveriam dar o exemplo... Tal não é, infelizmente o caso...

O VETERANO - Fazendo depois uma certa referência histórica aos trabalhos de investigação no sector (iniciados no Laboratório de Celulose de Alcobaça pelo Prof. Eng. Luis de Seabra e colaboradores, no período de 1942 a 1945), anota em caixa alta "trabalho por excelência inovador e pioneiro" efectuado em Cacia entre 1956 e 1958, o qual conduziu ao conhecido sucesso técnico e comercial da pasta de eucalipto. Que quer dizer mais, sobretudo para informação de responsáveis e técnicos novos da Portucel -- que até então poderão ignorar este facto?

CV - *Esse foi, efectivamente, um marco importante. Foi fruto de um trabalho de investigação. Registo o que noutra altura se escreveu: "Alguém -- não obrigatoriamente os engenheiros de Cacia -- nos anos 60 ou mais tarde, teria pensado no aproveitamento desta essência para fins papelleiros e algo teria feito no sentido de a utilizar. O que é certo é que o mérito dessa iniciativa, investigação e pioneirismo pertence a Cacia. É necessário que se afirme que a introdução das pastas de eucalipto nos mercados europeus, anos depois estendidas a outros continentes, se deveu aos técnicos de Cacia". Talvez que muitos dos novos não saibam isto. (c)*

O VETERANO - O seu artigo história várias tentativas, não conclusivas, por si feitas, de ligação à Universidade. Foram passos que ficaram nos arquivos e que as pessoas desconheciam. Foi bom terem sido registadas no seu artigo.

Agora outro assunto: A Portucel dispôs de outro laboratório de investigação, em Castelo Branco, que, depois de muito aparato, abandonou em breve. O que se passou?

CV - *Foi efectivamente aparato, até com inauguração do então Ministro da Administração e Planeamento. Fazendo tábua rasa de tudo que fora decidido e ficou escrito em 1984 (salvo erro) -- o de que a investigação florestal se iria toda desenvolver em Eixo, a par da investigação dita tecnológica (com Castelo Branco apenas para produção de clones em quantidade). -- Os responsáveis florestais da empresa decidiram encerrar essas instalações em 1993, abandonando tudo. Foi um grande prejuízo para a empresa e seus técnicos -- impunemente esquecido... -- Dezenas e dezenas de milhares de contos envolvidos e graves problemas com o pessoal, de cicatrização difícil... E tudo afectou e perturbou então negativamente a organização da Tecnocel. Anteriormente houvera o problema da transferência compulsiva de pessoal dos serviços do Porto para a Tecnocel, mas isso foi outra história.*

O VETERANO - Então a pesquisa a nível florestal foi abandonada?

CV - *Precisamente, razão por que eu na altura própria pensei e propus -- a proposta foi inteiramente minha -- que, a bem das empresas e do país, se fizesse a fusão de Eixo e Torre Bela, aproveitando as sinergias (como agora se diz) dos dois centros laborais, qualquer deles a funcionar bem. Comefeito, praticamente abandonada pela Portucel a investigação florestal em Eixo, seria tarefa inglória retomá-la. Para se duplicar o que estava a fazer a Torre Bela -- b bem? Registo, ainda, que anteriormente houve uma iniciativa da Portucel, SGPS para que as celuloses participassem na Tecnocel. Não resultou. Curiosamente, os representantes da Soporcel, nesse estudo -- um agora muito envolvido no instituto RAIZ -- não aceitaram bem a iniciativa da Portucel... Curioso, não é?*

O VETERANO - Está agora constituído o instituto RAIZ. O eng. Valente diz no seu artigo que -- transcrevo: "é desejável que a concretizar-se" a reunião dos dois laboratórios "haja muito realismo e muita sensatez"...

CV - *Sensatez, disse muito intencionalmente, pois que algumas pessoas envolvidas no processo -- algumas -- da nova organização estavam cheias de ideias feitas e obstinadas. Mais: sem sensibilidade e experiência recomendável para o projecto de uma organização laboratorial. E os conselhos de gerência embarcam nelas...*

O VETERANO - Diz ainda: "é aconselhável, mesmo indispensável, que haja projectos com intervenção de ambos os centros, contrariando uma tentação para a dicotomia".

CV - *Sem dúvida. Havendo "valências de um ou outro lado que se completam" -- como escrevi -- a orientação correcta seria a de envolver ao máximo os dois centros em projectos comuns, em osmose recíproca de experiências e saberes. Sem isso a dicotomia é fatal: - Dois laboratórios a trabalhar cada um para seu lado, de costas um para o outro. Foi um erro acabar-se em Eixo com estudos sobre a aplicação da biotecnologia à pasta e papel -- o que permitiria uma ponte sólida entre trabalhos nos dois lados. É, além disso, a Biotecnologia que virá no futuro a resolver muitos dos problemas processuais da indústria de pasta e da compatibilização desta com o ambiente. Não havendo mentalidade aberta à aplicação destas técnicas para além da floresta, o que é o caso, a dicotomia de que falo é fatal. É o que tem acontecido entre os técnicos das fábricas e os florestais, aqueles desligados dos problemas da floresta e estes ignorando as exigências da transformação da madeira em pasta. Nos trabalhos que desenvolvi com a equipa em Eixo contrariei esta situação.*

PRELINGAS ALDEÃS

por Diogo Viana de Lemos

A gente grada da terra, não suportava aquele barulho infernal do foguetório, que na alvorada do dia e pela noite fora, se repetia pelos céus a dar conta dos festejos em honra do Santo padroeiro. E era, de fala agastada, que a senhora da Casa Grande, se dirigia ao maior da Quinta, que era servo de quatro décadas.

- Eu já te tinha prevenido, Manuel, para não dares mais dinheiro para esta gente queimar em fogo! Não basta o desarranjo do pessoal, alvorçado em três dias de festa, com o milho por regar, a vinha a sujeitar-se ao Mildio, quanto mais ficar-me no ouvido este foguetório sem jeito!

- Bem o quis evitar, "menina", mas vinha no bando de pedir, o Jorge da fábrica, que sempre é homem de jeito para a falta de braço, e depois a "menina" bem se lembra, quando foi da "malhada" entupida com a cria, se não fossem aquelas mãos, ficávamos sem os animais, mãe e filho! vai daí, cal na vergonha e sempre dei uma ajuda para o Santo.

- Pois, se fosse para o Santo... mas aqueles malditos queimam os tostões em fogo!...

- Está bem, "menina", mas não se agaste. O povo sem foguetes, não encontra festa e "os pés" são só três dias de barulho! mal vai e do pessoal... calcule a "menina", que hoje só veio ao trabalho, a Rosa e a Júlia Capela! Ora digame a "menina", como raio há-de um homem dar volta à vinha só com estas ajudas...!

- Então o Francisco e o José Mouco?

- A "menina", ainda é de bom tempo! Largarão de madrugada para a Vila no arranjar um jaze para o baile da noite! Gente levantada, "menina", coisa assim nunca se viu... a Josefa



e a Carolina, a quem mandei recado pelo Toneca, mandaram troco que tinham visitas, gente da cidade, já se vê, e que tinham de assar o carneiro! Ora veja a "menina", que andam na jorna no cair da miséria e não lhes falta cheta p'ro carneiro! E de benzer, "menina"! Se fosse antigamente, por meu mando, não punham mais cá os pés!

- Olhá lá, por falares nessa gente, diz-me cá, o Raimundo já trouxe a renda das coruleiras? Custumava pagar por altura da festa!

- Nada então, "menina", e se calhar este ano temos que nos contentar com o pão da Quinta.

- Essa agora!...

- E o que lhe digo, "menina", o Raimundo lá semeou, semeou, mas o tempo não lhe deu para grão! Tem lá meia dúzia de canoitos que nem o gado lhe pega.

- Mas tu disseste que o nosso milho rendeu bom grão!

- Pois sim "menina"... e os cuidados que ele me deu? Cá na Quinta anda-se no adiantado... e a "menina" bem sabe que não vou em cantigas e falatórios. Nada não, aqui há progressos! Eles p'rai continuam agarrados ao milho regional e nós, há dois anos a esta parte, que temos o híbrido! Veja a "menina", como no ano passo enchemos o celeiro, que até houve razão na compra de duas arcas!

- Tu disseste que foi o tempo que estragou o milho do Raimundo?

- E foi. Foi o tempo e mais o disparate da adubação, que ele pôs em cobertura! Lá levia delou-lhe um "chisque" de estrume, que nem uma carrada foi. A "menina" sabe que as plantas são como a gente, gostam de uma cama fofa. "Os pés", delou-lhe uma mala corrida de "Super" e por ali ficou. O milhinho lá veio na fome, amarelheiro que era uma dor de alma, vai daí, aquele bruto, ao ver o milho assim fraquinho, chegou-lhe o amónio às camadas! Os canoitos deram alento, mas sempre na finura do Cabelo. A "menina" não queira saber, veio a nortada e foi um tal acamar! Isto de adubar, "menina", é preciso saber, tal como o sal na comida. Ainda se ele tivesse semeado o híbrido, que é um milho que deita corpo e raízes de amparo, talvez o desastre não fosse tanto!

- Bom. Eu é que não estou para ficar sem a renda! Ao passar da festa, há-de mandar chamá-lo e até lhe podes explicar essa tal coisa do híbrido e da adubação. Só temos a lucrar, que ele faz e as coizas a jeito de lucro.

- Está bem "menina" e agora me vou, que o sol já vai alto.

CUMPRIU-SE UMA GERAÇÃO

Pág. 1

dedicou especial atenção, facilitados pela sua ligação a meios de negócio na Europa.

Já em outra ocasião foi citado um facto que atesta ineludivelmente o interesse que o Eng. Quevedo Pessanha devotou ao empreendimento de Cacia. Foi o caso que a tesouraria não podia satisfazer os compromissos salariais em Dezembro de 1953 (estava a Fábrica no início e com muitos problemas ainda). Pois o Eng. Quevedo Pessanha empenhou-se então junto de familiares para não faltar o vencimento aos que aí trabalhavam... e este não faltou, com efeito. Será caso para perguntar quem – agora – , em iguais circunstâncias tomaria atitude idêntica.

Sendo o "patrão", no que este termo tem de correcto, em Cacia deixou a marca da sua personalidade. Soubermos que o sensibilizou especialmente a recepção afectuosa aquando da sessão comemorativa, na Fábrica, dos 30 anos de produção de eucalipto... Recepção espontânea de alguns colaboradores a todos os níveis, e de convidados externos, alguns estrangeiros a quem a Companhia se encontrou ligada desde a fundação.

Na altura em que, fechando o ciclo da geração de 50-90, se encerrará também um ciclo de "O Nosso Jornal" (70 a 90), achámos oportuno e importante prestar homenagem a todos os que trabalharam em CACIA e, relembrando factos passados, prestar também homenagem a este fundador da COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE. Fala-se, com frequência, na eventualidade da fusão de celulosas e fábrica de papel, esta do grupo do Eng. Quevedo Pessanha. Que tal se venha a realizar, só influência dos sucessores deste empresário, serão os votos daqueles que foram seus colaboradores no passado.

(a) Entre as várias notícias históricas publicadas, citamos algumas séries de artigos: "Polémica Catefista", "Cheira a Cacia", "Diálogos Serpianos sobre Sal e Poluição", "No tempo da Outra Senhora", "In Illo Tempore", "Aniversário", "A Água de Matadouro", "In Memoriam", "Memórias dos Anos Quarenta", "20 Anos Depois", "Cacia... A "Catedral" das Celulosas".

(b) O importante papel desempenhado pelo Eng. Ferreira Dias foi exposto em "O Nosso Jornal" (n.ºs de 25 de Junho e 25 de Julho de 1992), em artigo intitulado "Do Lado da Vila de Exco... Memórias dos Anos 40".

(c) O Eng. Manuel dos Santos Mendonça, outro dos fundadores e que deixou também uma marca impressiva na Companhia, faleceu a 1966.

Entrevista com Eng. Carlos Valente

Pág. 5

O VETERANO - Falando do elemento humano, é voz corrente que o ambiente de trabalho é preocupante. O pessoal vive assustado – assustado é o termo. Por exemplo, entre outras exigências implícitas de presença diária extra, Paira um mau ambiente de trabalho, nada propício à produtividade, como o que antes levou ao encerramento forçado da "Direcção de Projectos", esta a trabalhar ponderadamente e com um bom sentido de economia e meios, pelo que nos dizem.

CV - É isso que me transmitem. E bra de um certo seráfico iluminado paraquedista. O ambiente de trabalho sob a minha direcção foi o de maior harmonia, sem prepotências, compatível com autoridade e com produtividade alta. Foi uma boa equipa a produzir trabalho em crescendo visível.

O VETERANO - Sei que a Quinta de S. Francisco foi muito visitada por técnicos estrangeiros da especialidade... que comentar?

CV - Sem falsa modéstia a minha organização mereceu os maiores elogios de entidades ligadas ao meio de pesquisa laboratorial, nomeadamente dos dirigentes europeus máximos dos laboratórios centrais de Grenoble, Helsinquia, Estocolmo, outros. Foi um ciclo de trabalho profícuo e sem intimidações, que valorizou todo o pessoal e presagava a continuação de muitos êxitos.

O VETERANO - Para terminar, desejaria acrescentar algo mais a esta conversa?

CV - Olhe: os meus votos são para que, passada esta fase, venha a haver no País um significativo centro de investigação polivalente, com mais fábricas e mais universidades a colaborar, que aprofunde todos os assuntos da floresta e de tudo que lhe está a montante e a jusante, em relação com todas as essências florestais nacionais de expressão económica e não só os assuntos do eucalipto.

(a) ver a Revista "25 Anos Celulose Cacia" - pag. 12, 13 e 14

Ah! Se não fosse o enterro!

por A. Carretas

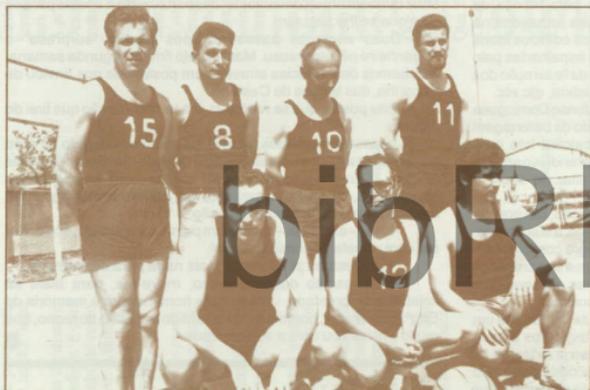
Em conversa recente com o Cachim recordámos o dia em que nos conhecemos já lá vão uns bons vinte e seis anos. Foi precisamente no dia 2 de Janeiro de 1970 que ambos nos encontramos pela primeira vez no átrio de entrada da, na altura ainda privatizada, C.P.C. (Companhia Portuguesa de Celulose). Havíamos sido seleccionados os dois para "reforçarmos" a família celulósica da vetusta fábrica, vaidosa do seu pioneirismo na produção de pasta branqueada de eucalipto ao sulfato.

Naquele feito que se lhe conhece mandou logo ali duas ou três das dele, enquanto aguardávamos que o director,

recuperação, pois também em Cacia ele "havia andado a cheirar" pelas bandas das caldeiras e das turbinas.

Mas voltemos ao motivo que me leva a escrever estas linhas. Da conversa inicial daquele dia 2 de Janeiro de 1970, concluímos que ambos tínhamos jogado basquetebol uma dúzia de anos atrás, eu no Galitos de Aveiro e ele no Iliamb, velhos rivais a nível distrital nos anos 50 e 60 e que só não entrámos em despique directo porque eu fazia parte da equipa de juniores e ele, ligeiramente mais velho, já militava nos seniores. Começamos na altura a "enxastar" em conjunto.

Pouco tempo depois, talvez em



Em pé: Porfírio, Magalhães, Avelino e Carretas;
em baixo: Cachim, Sampaio e António.

o Engº Rui Ribeiro, nos "introduzisse" no mundo da pasta de papel e nos desse directivas para iniciarmos as nossas funções, um na produção e o outro na conservação. O Cachim só havia de lá ficar nove meses, pois foi "aliciado" para outros mundos pelo seu chefe na conservação, o Senos da Fonseca, também ele ilhaventse de gema e creio que, em certa medida, responsável pelo seu ingresso na CPC. No fim desses nove meses o Cachim "pariu" uma boa e sã amizade, extensiva julgo a outros colegas e colaboradores da C.P.C.

Perdi-lhe o rasto durante largos anos, mas a amizade e o reconhecimento das suas qualidades humanas e de trabalho ficaram no "arquivo". E foi assim que, ainda na Austria e depois de ter acertado o meu ingresso na Soporcel, me lembrei do Cachim como elemento válido para a equipa do "sangue, suor e lágrimas" necessária para a implantação e arranque daquela unidade. A ideia inicial era a da sua inclusão na conservação, mecânica de preferência, mas os lugares para esta já haviam sido ocupados. E assim houve que "desviar" o Cachim para a área da

meados de Abril desse mesmo ano de 1970, o CAT (Centro de Alegria no Trabalho) da CPC, integrada na ex-FNAT, que zelava então pelo lazer dos trabalhadores, resolveu promover a realização de um torneio de basquetebol a nível interno, interseções. Houve as necessárias inscrições das equipas, que foram cinco, mas como havia mais interessados no torneio, nomeadamente nos dois e de modo a permitir um número par de equipas, fez-se uma excepção para uma equipa mista. Conseguiamos aliciar mais uns cinco elementos que se dispusessem a esfolar o cabedal no cimento áspero do campo de jogos, situado na saída sul da fábrica. Temos que confessar que estes "recrutados" pouco ou nada sabiam de basquetebol, um houve até que, durante os jogos, tentou desesperadamente por várias vezes introduzir a bola no "nosso" cesto. Era dos tais que "para onde estava virado"...

A nossa experiência na modalidade, apesar de estarmos parados há vários anos, deu-nos para atingir a final do torneio.

Por 15 ➤

A 1ª SÉRIE BAIXOU À COVA



Comandante Lúcio Lemos
- "crachá de ouro"

1 - O Eng. Valente era, julgo, o Director Fabril da "Celulose" (Cacia) na mesma altura em que eu era o Director de "O Nosso Boletim" (revolucionariamente baptizado de "O Nosso Jornal" tempos depois);

2 - Há alguns dias eu encontrei-me, casualmente, com o Eng. Valente e ele, no decorrer de uma agradável conversa que mantivemos, convidou-me para fazer parte do grupo de colegas que iam, num jornal da "malta" dar o pontapé de saída no "O Nosso Jornal", um periódico de trabalhadores para trabalhadores celulósicos que rivalizava com os muitos que existiam e provavelmente ainda existem em empresas do nosso País. A reputação de "O Nosso Jornal" sempre foi uma consoladora realidade, consequência natural do conteúdo dos textos que se publicaram e dos méritos incontáveis dos seus credenciados autores

3 - Ao "transferir-me" de "O Nosso Boletim" (cujá Direcção, diga-se de passagem, aceitei, "voluntariamente", muito contrafeito) para colaborar regularmente, (como veio a acontecer) em "O Nosso Jornal", entendi que se revestia do maior interesse a criação e coordenação de uma rubrica dedicada a saúde, servindo-me, para o efeito, da transcrição de artigos ligados com a saúde e com interesse para os trabalhadores da "Celulose" e seus familiares, artigos de médicos devidamente credenciados cá ou lá fora ou de entidades do ramo médico. Assim fiz e assim surgiu a rubrica coordenada por mim e baptizada com o nome de "A Saúde é o nosso melhor";

4 - A propósito desta rubrica a Liga dos Amigos do Coração, (Aveiro - Dr. Rogério Leitão) e a Fundação Portuguesa de Cardiologia (Lisboa - Prof. Dr. Fernando Pádua) sempre me manifestaram o seu muito apreço e valioso apoio depois de receberem os exemplares de O Nosso Jornal que eu lhes enviava. E o seu valioso apoio e o seu muito apreço teriam, de certeza, a indispensável continuidade desde que "O Nosso Jornal" mantivesse a desejada regularidade facto que não veio a acontecer;

5 - A primeira série baixou à cova. Com os elementos que, de uma forma ou outra, deram luz a uma vivência muito digna (dentro e fora dos portões da fábrica, de Cacia) a "O Nosso Jornal" fica a saudade... e a esperança de uma renovada série.

Lúcio Lemos

O Eng^o Ramalheira e a sua barriga

— por Pericão Galo

O Eng. Valente e o Conde, ao pedirem-me alguma colaboração para esta edição, cuja realização querem levar a cabo, com a persistência que se lhes reconhece, meteram-me numa camisa de onze varas. Nunca fiz nada para publicar. Nunca escrevi nada para os jornais. Na vida profissional limitei-me a escrever aquelas cartas formais para clientes e fornecedores, as comunicações internas para os serviços, e muitos relatórios de contabilidade, recheados de grandes números e abundantes percentagens.

Verdade, verdade, de actividade literária o que eu sei mesmo melhor, é ler.

Com tal formação tão rotineira, que demónio de colaboração posso eu apresentar?

Atormentado por esta preocupação veio-me à lembrança consultar um álbum que possuo com recordações da fábrica de Cacia. E lá fui encontrar o tema cujo título encabeça este escrito: "O Sr. Eng^o Ramalheira e a sua barriga".

Todos sabem quem foi o Eng^o Ramalheira: — um dos personagens mais interessantes que passou pela fábrica de Cacia. Eng^o Civil de grande mérito, um dos mais reputados na altura, a ele se deve para além da construção dos edifícios fabris de Cacia, muitas obras de grande envergadura espalhadas pelo nosso país: o Palácio de Cristal no Porto, os silos da federação dos produtores de trigo, o teatro monumental em Lisboa, etc. etc.

Diz-se que neste último trabalho, tal como Afonso Domingues no Mosteiro da Batalha, dormiu durante o período de betonagem debaixo da enorme nave que sustentava o balcão! Isto para espanto dos críticos que não acreditavam que o grandioso arco se aguentasse, sem ruir, por não ter qualquer pilar de apoio a suportá-lo.

Homem corajoso, campeão da boa disposição, um grande técnico, o engenheiro tinha contudo um ponto fraco: a sua barriga.

Era um apreciador da boa mesa, e um alegre conviva, com uma piada sempre à mão. Tais atributos tornavam a sua presença indispensável nas petiscadas organizadas pelas pessoas com quem tinha relações mais próximas. E eram muitas.

Como era divertido ouvi-lo dissertar sobre as virtudes de um bom peixe! Ao enaltecer-lhe os molhos e os temperos a água saía-lhe pelos cantos da boca como se estivesse já a degluti-lo.

Todavia a sua teimosa tendência para a obesidade não perdoava. Via-se muitas vezes na necessidade de recusar alguns convites, atitude que tomava sempre de olhos no chão, com muita tristeza e resignação.

Não posso me esquecer a cerimónia da entrada no seu carro, nas viagens que muitas vezes fiz com ele entre Cacia e Aveiro. Era uma arrastadeira — Citroen — da primeira metade do século. Sentava-se encolhendo a barriga para passar entre o banco e o volante, descoltra-se fechando a porta e depois sacava um pano amarelo do tablier; fixava o pano por uma ponta ao colarinho, estendendo-o depois entre si e o volante tal como o babeto de uma criança; justificava-se, entretanto, que era para não aparecer à espora com o casaco coçado. E só então começava a viagem.

Nos últimos anos da sua vida, o Eng. Ramalheira vinha todas as semanas a Cacia na sua qualidade de consultor de engenharia civil da empresa. Era do seu programa fazer uma visita à Contabilidade pouco depois da chegada. Para quê? Para medir a barriga.

Entrava de fita métrica em punho e aliviando o cinto. Feita e confirmada a medição, era o número registado num mapa estatístico para o efeito existente no quadro de cortice onde se afixavam as notas e determinações importantes do serviço.

Normalmente a medida oscilava entre os 130 e os 140 cm, umas vezes para mais outras para menos.

Mas um dia chamou-lhe a atenção para o facto de ele só fazer a medição à chegada a Cacia e não à partida para Lisboa. Contrariado lá acedeu ao convite para o fazer, na sexta feira a seguir, cumprindo como prometeu.

Feita e confirmada a medição, surpresa das surpresas! 150 cm!!

Foi fácil concluir que a dieta imposta pela família no fim de



semana não tinha a vantagem de equilibrar a medida. E ainda tinha também um inconveniente: despertava-lhe o apetite para os dias que se lhe seguiam.

Duas semanas passadas após aquela "surpresa" o engenheiro não apareceu. Mas, lá pelo fim da segunda semana, recebemos dele notícias através dum postal que nos enviou de Espanha, das termas de Cestona.

Este postal, que se reproduz, é a tal recordação que tirei do álbum.

Já passado um mês, estava eu muito sossegado no meu gabinete a tratar das contabilidades, quando me entra pela porta adentro o Eng^o Ramalheira, mais magro, com as bochechas engheladas, oferecendo-me, com um sorriso malandro, a fita métrica para a competente medição: 115 cm!

— Ena, — exclamou — menos um palmo caramba! Respondeu-me com aquela bonomia habitual.

— Em Cestona já não tinha mais nada para descarregar! Neste escrito despretenso, move-me, para além da colaboração prestada, uma singela homenagem à memória do Eng^o Ramalheira, homem bom no sentido mais lato do termo, que muito me honrou com a sua amizade. ■

FUTEBOL & SULFATO DE SÓDIO

◀ Pág. 14

sua ingenuidade, terá entendido ser muito natural que o Eng. Valente, com a sua competência e autoridade, fosse a entidade mais indicada para apresentar a reclamação junto da FIFA...

Ignorando a confusão nas ligações telefónicas, o Eng. Valente aguardava no seu gabinete a ligação à CIFA - Valongo e ficou surdido quando lhe começaram a responder da "FIFA in London".

O que é que a FIFA teria a ver com a composição do sulfato de Sódio?... A Laurinha como era de esperar, ficou envergonhadíssima.

Mas todos os que tiveram conhecimento do incidente lhe reconheceram de imediato poderosíssimas atenuantes:

Em primeiro lugar, não havia memória de que a Laurinha tivesse jamais cometido uma desatenção semelhante.

Em segundo lugar, foi um enorme espanto para todos a facilidade com que ela, ultrapassando poucos conhecimentos de línguas estrangeiras, havia tão facilmente e tão rapidamente estabelecido uma ligação de Cacia para a FIFA, London, England.

Mas a maior atenuante, porventura, terá sido concluir-se que ela se tinha convertido também ao futebol, pelo menos ao patriótico entusiasmo pela Selecção Nacional, de que praticamente toda agente compartilhava nessa altura... ■

RECORDAÇÕES PARA SORRIR

por **Abílio de Magalhães**

Durante a minha carreira profissional de 41 anos na Fábrica de Pasta de Cacia recordo algumas passagens que, no mínimo, me fazem sorrir. Se tivessem chegado ao conhecimento do Dr. João de Almeida é possível que hoje fizessem parte das suas aquarelas inesquecíveis.

Sem ponta do brilho do ilustre caudico vou tentar contar algumas dessas passagens.

Durante algum tempo após o arranque das instalações fabris, foi a chefia de turno da Fábrica de Pasta feita por técnicos finlandeses.

Estavam constantemente a chegar novos trabalhadores que ficavam na mira dos mais antigos, para as partidas habituais.

Num turno da meia noite às 8 das manhã apareceu um jovem com cerca de 2 metros de altura.

Os trabalhadores do turno, que já se consideravam veteranos, pensaram em pregar uma partida ao novo "caloiro", e o Abel da Lavagem empunhou, de imediato, a "batuta" e a conversa foi arrastada para às dificuldades de promoções na carreira profissional. Começou por dizer que só tinha atingido o seu posto de trabalho mercê de ter dado muitas cambalhotas. Os restantes trabalhadores presentes não só concordavam, como afirmavam que com eles tinha sucedido o mesmo.

O nosso "caloiro" não se convenciu facilmente e o Abel, com o argumento que pretendia subir mais, foi o primeiro a virar os pés para a cabeça. Os restantes, com excepção do jovem, e com o mesmo argumento, também deram a sua cambalhota, tendo sempre o cuidado de o fazer longe das vistas do Chefe de Turno.

Com as suas legítimas aspirações a bulirem com o seu consciente, resolveu o "caloiro" fazer o que lhe sugeriam mas, talvez por ser mais ambicioso, percorreu às cambalhotas todo o piso da actual Lavagem 1 no sentido do seu comprimento.

Quando se pôs de pé verificou que todos os colegas tinham desaparecido e que a olhar para ele estava um senhor deveras surpreendido que só os colegas sabiam ser o Chefe de Turno.

Posteriormente contou que o Chefe de Turno sugeriu, no seu melhor português, o despedimento "do homem muito alto", o que felizmente não veio a suceder.

Para anparhar um pouco de ar fresco costumava ser ponto de encontro, de alguns trabalhadores, o patamar situado entre o piso de operação dos Digestores e o elevador (ainda não existia o Digestor Continuo).

Um dia, pouco antes das 9 horas da manhã, alguém criticou o grande número de pessoal administrativo que, em sua opinião, nada contribuía para ao engrandecimento da empresa.

Outro, por brincadeira, disse que o Nata podia fazer o trabalho de todos os trabalhadores administrativos, o que de imediato teve o acordo total de um trabalhador, mais ingénuo, que se encontrava presente.

Para que todos entendam, convém esclarecer os mais novos que o Nata era quem nos pagava os vencimentos.

O Zé das Bicicletas esteve pouco tempo como trabalhador na nossa empresa, mas as suas brincadeiras ficaram conhecidas.

Um dia apareceu um trabalhador com uma garrafinha de aguardente, que se destinava a amortecer uma tremenda dor de dentes.

Durante algum tempo vimos o Zé das Bicicletas a conversar com o "doente" sem sabermos o que se estava a passar.

O nosso "doente", desanimado, começou a passear de lado para lado e, abanando a cabeça, dizia ao passar pelas pessoas: "este gajo é parvo".

O Zé das Bicicletas não desanimava, ia falar com outros e dizia: "ele não acredita mas assim nunca mais lhe passa a dor de



dentes, se ele desse a aguardente a beber a outro e recebesse o bafo, era remédio radical".

Custou, mas cerca de uma hora depois estava o Zé das Bicicletas a beber a aguardente e o outro a receber o bafo.

Para utilização do autocarro que se destinava ao transporte de pessoas a fim de assistirem à festa do Natal, que se realizava no Teatro Aveirensis, chegou um trabalhador, pouco letrado, junto do seu Chefe de Turno pedindo-lhe a ficha para entregar no autocarro.

O Chefe de Turno desconhecendo da obrigatoriedade de apresentação de qualquer ficha para permitir a utilização do autocarro, disse-lhe que seria conveniente dirigir-se à Secção de Pessoal para clarificar a sua dúvida.

Pouco tempo depois o mesmo trabalhador chega junto ao chefe de turno e diz-lhe radiante: "Já sei, é à hora exacta".

Só depois de lido o aviso emitido pela Secção de Pessoal, é que o Chefe de Turno entendeu a semelhança entre "porfichas" e "prefixas".

Apareceu, no Armazém, um produto para lubrificação e vedação que alguns serralheiros gostavam de utilizar em trabalhos que lhes eram distribuídos. A sua designação era "Bakerseel" mas dado a sua parelhança com a massa de farinha de milho alguém o baptizou por "merdelim".

Para preenchimento das requisições de materiais existia um trabalhador não especializado, "TNE", que apenas fazia isso e assim evitava de estar sempre a lavar as mãos. Posteriormente os encarregados verificavam os respectivos livros, pois aquele "TNE" limitava-se a escrever o que lhe era ditado pelos oficiais.

Certa vez um oficial com poucos conhecimentos literários e muito preguiçoso, em tudo que obrigasse a leitura, foi pedir ao "TNE" uma lata de "merdelim", no que foi imediatamente atendido.

Chegando ao Armazém a requisição para atendimento, o funcionário de balcão percorreu a listagem por ordem alfabética dos produtos existentes, mas daquele artigo nem rastos.

Dado existente no Encarregado Geral do Armazém, este entendeu que era uma brincadeira de mau gosto e que por isso devia ser feita participação disciplinar, tendo sido difícil convencê-lo que o caso não tinha qualquer maldade. ■

OS NOSSOS POETAS

Eng. António Sobrinho Barata da Rocha *Ponto Final!*

O Eng. Barata da Rocha foi um dos mais inspirados e assíduos poetas de "O Nosso Jornal". Em 1990 publicou mesmo, exclusivamente a expensas suas, um volumezinho da sua produção poética, livro este a que nos referimos circunstanciadamente em "O Nosso Jornal", nº 180, de Outubro de 1990.

Repetindo o que em outra ocasião dissemos, o Eng. Barata da Rocha fez parte da equipa de engenheiros civis que calculou as fundações dos edifícios e máquinas e ergueu os edifícios da primitiva, com soluções técnicas à altura consideradas ousadas -- a época da infância do betão armado e pré-esforçado. Já depois, com as instalações a laborar, ele foi ainda o organizador-iniciador dos serviços de estatística, de expedição e de exploração, a que durante bastantes anos se deu o nome de "Coordenação Técnica". À Fábrica e seus responsáveis sempre manifestou uma ligação afectiva, apesar de há bastantes anos ter zarpado destas paragens.

Encontrávamo-nos por vezes no Porto. Ele tinha sempre no bolso uma poesia para me oferecer... Num destes encontros fortuitos, ai por Dezembro de 1994, falei-lhe no propósito -- dos "velhos" de Cacia -- de se vir a dar termo condigno a "O Nosso Jornal", fazendo um ponto final... Ele ouviu-me, ouviu-me e quase nada comentou...

Passados poucos dias, recebo, por interposta pessoa, uma nova poesia. Era precisamente o PONTO FINAL! -- ponto final, na verdade -- em Janeiro de 1995 foi vítima de um acidente quando saía de casa e esteve longos meses hospitalizado, praticamente sempre em coma, para falecer em Setembro de 1995. -- Trágico... ponto final!...

Em sentida homenagem dos colegas de Cacia aqui publicamos o seu decassílabo "AS QUATRO ESTAÇÕES DUM SER" e aquela outra poesia bem premonitória... PONTO FINAL!

C. A. Valente

AS QUATRO ESTAÇÕES DUM SER

Acabou de nascer... que coisa bela!
Abriu-se, de repente, uma janela,
Começou, de verdade, nova era:
Tudo nos mostra, enfim, que nestes ares,
Agora s'apresta junto dos seus pares,
Arranca, para o Ser, a Primavera!

Depois... é a corrida pela vida,
Com toda a emoção dum partida
Que põe, em sobressalto, o coração!
Enganos, desenganos... eu sei lá!
Nunca s'encontra o Bem onde s'está,
Atingiu, finalmente, o seu Verão.

O Outono da vida começou,
Numa altura em que muito s'acabou,
E pouco já havia que viver!
Com os olhos voltados para o Céu,
Vê fugir quase tudo o qu'era seu,
Começou, lentamente, a envelhecer!

Na queda da folhagem carcomida,
Na perda do que foi sua guarda,
Ficou, o que se diz, ser o inferno!
No seu corpo sem Alma e sem fulgor,
Persiste, agora, aquela enorme dor...
Entrou, desiludido, no Inverno!...

Maio de 1993

TAMBÉM DAVA PARA BRINCAR

por João Lemos



No dia 1 de Abril de 1957 apresentei-me na sala de desenho (mais tarde GETE) para iniciar a minha prestação como desenhador da então Companhia Portuguesa de Celulose.

O meu primeiro trabalho foi ir ao armazém de sobressalentes verificar umas peças para a máquina de papel, que tinham sido feitas na Metalúrgica de Castelo Branco. Como não conhecia as instalações fabris, acompanhou-me o saudoso João Castilho, companheiro e mais tarde chefe da Sala de Desenho.

Como todos sabem, o armazém tinha um cais e do lado da entrada para a máquina de papel uns degraus. Mal subimos os degraus, um sujeito elegante e bem arfapelado que estava à porta dos armazéns gritou: "Eh! Já para baixo". O Castilho disse-me com uma voz de surdina: "É pá, desce, que aquele é quem manda aqui"! Fomos, junto à via férrea, até à direcção onde estava o homem que logo que chegámos junto dele, se pôs a rir com ar de gozo, e me disse: "Então o amigo acreditou, não viu que estava a brincar!". Feitas as apresentações, a partir daí e até à sua saída da fábrica, o D. Francisco Castelo Branco, foi sempre dum gentileza sem par para comigo!

PONTO FINAL

Um dos "Antigos"... veio "aonde a mim"
caro amigo... isto é mesmo o fim!
O jornal, qu'ajudámos a surgir,
Não tendo aquelas pemas para andar,
Por razões que não são para lembrar...
Vai desaparecer... vai submergir!

Fiquei atordoado de momento;
Deixei correr ligeiro o pensamento,
E recordei "alturas" d'euforia!
Os artigos profundos do Valente
Os escritos do Conde...renitente
Em não deixar morrer o dia-a-dia.

João d'Almeida... e suas "aguarelas",
Histórias tão perfeitas e tão belas,
Qu'era um regalo para todos nós...
Tudo passou num galopar sombrio!
desfez-se, de repente, aquele brio,
Qu'em tempos, fez ouvir a sua voz!

Novo pensar dos outros... por igual!
Resta-nos só deixar - "Ponto Final"...

Setembro 1994

O nosso POETA ARTEIRO

* O NOSSO JORNAL *

O "NOSSO JORNAL" um dia
Nasceu de nós e p'ra nós.
Falou muito, mas há tempos
Perdeu toda a sua voz!...

Escrevi nas suas páginas
Tantas coisas verdadeiras,
Mas só podia fazê-lo
Em gestos de brincadeiras!...

Se as tivesse escrito a sério,
Certamente era fatal...
Lançar-me-iam na rua
Ou até no Tarrafal!...

Ao fazer quase vinte anos
Bate-lhe à porta a doença
Trazendo consigo um rótulo
Duma impiedosa sentença!...

Mas que sentença -- Deus meu!...
Ficou mesmo moribundo
Ao ponto de ter entrado
Em coma muito profundo!...

Está há quase três anos
Sem falar, este infeliz,
Mas no último suspiro
Abre a boca e assim diz:

A "medicina" velhinha
Tratou-me com muito amor,
Deu-me assistência constante
E deu-me um certo valor!
Veio a moderna e talvez
Por ter muito que fazer
Foi-se esquecendo de mim
Até me deixar morrer

Emorreu!?! Diante do drama,
Com um profundo respeito,
A minha alma chora e desce
A meia haste no peito.

Porém, a ressurreição
É uma crença cristã
E assim, manter a esperança
Pode não ser coisa vã.

Se um dia ressuscitar
O "NOSSORRORJORNAL"
É caso p'ra decretar
Feriado Nacional!

Ezequiel Arteiro
17/10/96



"O NOSSO JORNAL"

visto por

D. Branca de Pinho (a)

"O Nosso Jornal" nunca se confundiu -- na essência e na forma -- com qualquer outra publicação empresarial. Haverá no universo fabril português algo que se lhe assemelhe? Julgo que não. A sua origem está registada na revista "25 ANOS CELULOSE CACIA", publicada em 1978, e a sua história nas suas próprias páginas.

Sempre o seu estatuto foi de independente, sem sombra de dúvida. Vivendo a sua época, sempre reagiu a tentações populistas e oportunistas. Sempre sem subserviências e sem padrão, apesar de subsidiado pela Fábrica de Cacia. Em nada se assemelhou a publicações homólogas da Portucel, -- algumas de vida tão efémera! Muito menos com as "folhas" mensais de auto-elogio de directores-fábris e com este recentíssimo "Evoluir" -- página de tão apagada e tão vil tristeza de uma comissão redactorial tão ilustre como... extensa... (b).

É sobejamente conhecido o contributo cultural e formativo de "O Nosso Jornal" em benefício dos seus trabalhadores e filhos destes e da comunidade local e empresarial. Nele colaboraram, além naturalmente "os de dentro", várias personalidades, espontaneamente e quando convidadas. "Dos de fora" é justo lembrar:-- D. Manuel de Almeida Trindade, bispo de Aveiro, Dr. David Christo, Dr. Orlando de Oliveira, Monsenhor João Gaspar, Eduardo Cerqueira, Dr. Frederico de Moura, Prof. Eng. Luiz de Seabra, Eng. Ernesto Góis, Prof. Eng. Gomes Guerreiro, Eng. Viana de Lemos, Evangelista de Campos, Prof. Eng. Cunha Amaral, outros. Como em outra ocasião já por nós escrito, "O Nosso Jornal" é um documento que, não tempos dúvidas, virá a figurar na história da comunicação escrita portuguesa como o mais original e autêntico testemunho de uma comunidade industrial da segunda metade do nosso século. Nele fica para a posteridade o retrato da Fábrica e comunidade envolvente.

É grave a amnésia do passado, como -- isto será só um exemplo? -- os casos que me foram relatados há dias: o de um responsável fabril que foi de noite às gavetas em determinado departamento e as esventrou para eliminar elementos do passado, que a equipa zelosamente ia guardando, e o de outro técnico que inutilizou relatos de estudos contabilísticos, com total ignorância do contexto em que tais estudos foram justificadamente produzidos. Quantos mais autos-de-fé se terão perpetrado em Cacia? -- Não façam isso. Actualizar e modernizar não é incompatível com a preservação do património cultural. Essas atitudes são de lesa-cultura. Se não mais, felizmente que fica para a história, indestrutível, "O Nosso Jornal".

Os acontecimentos políticos e sociais ocorridos no nosso país em meados da década de setenta, decantando o que era autêntico da ganga oportunista e fátua, mais unidade deram aos que aqui trabalharam desde a raiz. Óbvio que mais próximos ainda uns dos outros se viessem a acongregar em várias acções culturais, de que um dos exemplos é "O Nosso Jornal". Nascermos, crescemos e envelhecemos -- Homens e Fábrica -- todos ao mesmo tempo. "O Nosso Jornal" é o testemunho dessa vivência!

Neste "ponto final" irremediável, aqui expresso um cumprimento de despedida -- a todos, desde a "Voz da Companhia" ao mais humilde "Manuel da Vassoura", -- com um grande abraço, a todos desejando saúde e paz!

N da R. (a) Histerónimo-travesti de técnico, outrora com grandes responsabilidades em Cacia, em jello de graça e alusão à "abandonada" pasta branqueada de pinho.
(b) "Equipa de Comunicação, Clima Social e Capacidade de Grupo do Projecto de Desenvolvimento das Capacidades Humanas". Ufa!

CRÓNICA... (IMPRÓPRIA (?!) PARA PESSOAS SUGESTIONÁVEIS)

à maneira de... A. CARRETAS

1. Nos períodos de 1979/83 e de 1988/90 fiz, por razões profissionais, muitos quilómetros em avião. Como se diz que os maratonistas têm muitos quilómetros "nas pernas", eu tive muitos quilómetros "no assento" (salvo seja). É que a gente passa o tempo todo das viagens praticamente sentado! Houve uma altura em que ia contando, e já ia para cima de noventa, as vezes que levantava voo. Depois cansei-me de as registar, mas devo ter tido, sem andar muito longe, para cima de duzentas operações dessas nos períodos que referi. E, como ainda estou aqui para delas falar, também fiz idêntico número de aterragens, que são em conjunto as operações que metem medo à maioria das pessoas que utiliza este meio de transporte.

Como as estatísticas apontam para que "acidente" em avião uma vez em cada quinhentas, aquele número de duzentas e tal durante de mim potencial "candidato", o que começava a incomodar-me. O aumento dessas probabilidades, ao pensar nelas provocava-me um arrepio. Era enfim a parte negativa e desagradável de quem começava a ser um "globetrotter" do espaço. Mas alguns sustos a "malta" apanhei!

No dia 31 de Janeiro de 1982, tive a "minha" primeira "panne", ou melhor teve-a o DC-10 da Luftansa em que viajava de Frankfurt para Bangkok. Foi detectada em Karachi, mas desde quando o defeito se vinha registando? Desde Atenas, onde fizemos uma pequena paragem?... o "hidráulico" de um dos reatros vertia óleo. Foi depois informado que havia que substituir a bomba de óleo, a reparação não era possível, coisa para umas duas a três horas de paragem extra, diziam eles... Seriam entretanto umas onze e meia da noite, hora local.

Afinal a reparação da avaria prolongou-se. E para não atrasar o voo de regresso (ainda tinham de ir a Hongkong e Tóquio), anularam a escala em Bangkok e fizeram embarcar os passageiros no aeroporto de Karachi por um avião das Pakistan Airlines (PIA), que partia às sete da manhã. E eu a sacar no aeroporto com aquele calor húmido próprio destas paragens... Não vos conto o que foi esta viagem, deve ter sido a pior de todas, quer em serviço, quer em "condução". Por alguma razão se diz, fazendo um pouco de humor, que as principais companhias transportadoras do Paquistão querem dizer "Please Inform Allah" (Favor informar Deus), de que vou a caminho!

Mas no tempo em que ainda estive dentro do avião deu para alguns episódios de chalaça e um acontecido com um africano que não resisto a contar. Serviram um lanche para "matar o bicho" (aquela hora, uma da manhã, seria melhor chamar-lhe pequeno almoço). Do meu lado esquerdo nos assentos do outro lado do corredor duas filas de africanos, desde Frankfurt. Um deles, o que estava mais perto de mim, havia dois ou três minutos que tentava desesperadamente cortar o "prato forte" de lanche, duas fatias de rosbife, encimadas por duas outras fatias de queijo, salada russa e um quarto de tomate (para dar cor), sem o conseguir. A hospedeira veio em seu auxílio (de conta dos apuros em que o senhor se encontrava), e com um pedido de desculpas, acompanhado do habitual sorriso de circunstância, tirou-lhe o invólucro de plástico em que a pequena refeição vinha embalada... Passado pouco tempo, terminava ele a sua refeição, comendo a pequena carcaça, e muito penetrado, de face e garço...

2. Já mais próximo, apanhei um outro susto, não por causa do avião em si, mas por causas pessoais. Foi no tempo em que ajudei o Belmiro de Azevedo a projectar, a montar e a arrancar a fábrica de aglomerados de fibra que ele entretanto se propôs instalar. Com alguns colaboradores da equipa de arranque, iam a Joanesburgo (África do Sul) para uma semana de estadia em uma fábrica congênera para a necessária formação. À meia noite e cinco do dia 4 de Dezembro de 1988, levantou-se voo no TAP 235, com destino ao hemisfério sul. Viagem toda de noite e eu que não consigo dormir nos incómodos assentos de qualquer nave, incómodos principalmente para gente com mais de um metro e oriental! Já com as luzes apagadas, para beneficiar quem o consegue fazer, e com praticamente todos os passageiros a dormir, fosse por stress, por rarefação do ar interior devido à grande altitude que o avião torna nestes voos de longo curso, ou por qualquer outra razão, começo a sentir-me indisposto e a desfalecer. A ansiedade e o pavor apoderaram-se de mim e começo a pensar que cheguei a minha hora. Assustei-me deveras. Para não incomodar quem descansa tão beatificamente, e entrando quase em paranoia, levanto-me e procuro a luz do pequeno

cubículo onde normalmente as hospedeiras se refugiam, preparando entretanto as próximas acções de atendimento. Ao chegar perto delas, só tive tempo de pronunciar em voz entarrelada que me sentia mal, e mandei-me para o chão do pequeno compartimento. Terei desfalecido de verdade. Poucos minutos passados, abro os olhos, arregalá-os e dou comigo a pensar: Já estou no céu!... Entretanto olho para o resto de mim, apalpo-me e verifico que afinal ainda não fui fora desta. Torno a olhar para cima, e distingo agora melhor os contornos de uma mini saia, que devido à exiguidade do compartimento estava praticamente em cima de mim. Estivera a olhar por entre o perimetro da saia da hospedeira.

Um copo de água com açúcar fez-me voltar ao normal e com os agradecimentos ao pessoal de bordo, volto para o meu lugar e durante o resto da viagem não voltou a aparecer a indisposição. Os meus companheiros não deram pelo meu incómodo nem pelo incómodo que dei às hospedeiras. Afinal não passara de uma indisposição "passageira", sem consequências.

3. Desfalecimento com consequências graves, mais para o meu Toyota da altura do que para o meu físico, aconteceu em Espanha quando em 1974 ali estive no arranque da fábrica da CEASA.

Depois de uma semana com algumas noites de pouco dormir, passadas na fábrica, e com o stress próprio das operações de arranque e das responsabilidades que sobre nós caíam, era natural que sentisse necessidade de desanuviar um bocadinho do fim de semana. Peguei no operador da Social, José Barriga Gordinho, (a fazer jus ao nome, gordinho de barriga), de folga nesse dia, um sábado 22 de Junho desse ano de 1974, e fomos dar uma volta até à capital das Astúrias, a cidade de Oviedo. Entre outras coisas fizemos compras. No Corrafiel, na calle Uría nº 52, comprámos uma "americana" e um "paratoma", duas camisas e "vários" que não me recordo já e que era. A "boutique" tinha duas portas de vidro excepcionalmente limpidas, uma aberta e outra fechada. Ao sair da loja, tentei fazê-lo pela porta fechada e, claro, o vidro impediu-me, para além de me fazer retroceder e pôr a violenta cabeçada no mesmo que me fez ver estrelas. Passado o efeito do impacto e porque se aproximara a hora de almoço, fomos abancar num restaurante próximo, para uns "callos à madrileña" e uma "ternera empanada" (empanado viria eu a ficar pouco tempo depois). Como entretanto começasse a chover, e passeio à chuva não tinha piada, resolvemos regressar a Navia.

Passados poucos quilómetros na "carretera" N-634, cheia de curvas e a subir nestes primeiros quilómetros, ao sair de uma dessas curvas (e a partir daqui é o relato posterior do Gordinho, porque não me recordo de nada) fosse pelo cansaço ou consequências da cabeçada horas antes, perco os sentidos, descaio para o lado do vidro, as mãos agarradas ao volante acompanham esse movimento e o carro inflêcteu para a esquerda atravessando-se na estrada. Em sentido contrário vinha o Sr. Carlos Sastre Gonzalez, "empreado e vecino de Oviedo" que não tem tempo de evitar violenta colisão com o meu, entretanto atravessado, Toyota. A parte da frente do carro ficou totalmente desfeita, de tal modo que não foi possível recuperá-lo. Para além de umas pequenas arranhadelas no Gordinho, felizmente, nada de grave se passou com os nossos físicos. Acordei na ambulância a caminho do hospital, onde fomos todos os intervenientes para ser inspeccionados. O Sr. Sastre Gonzalez deve ter ficado pior, ou aproveitou-se do facto, porque esteve 24 dias sem trabalhar a recuperar de lesões.

Entretanto fui julgado em doze de Dezembro. Faltei ao julgamento, porque achei que não ganhava nada com o facto. O Gordinho já havia regressado a Portugal, não tinha jeito estar a fazê-lo deslocar para depor e era então a minha palavra contra a do "vecino" de Oviedo. E foi assim, que segundo a "sentencia", eu ia "a velocidade inadequada" (com o pé fora do acelerador já devia estar praticamente parado!), "a calçada se encontrava mojada" e que "perdi o controlo de la dirección del coche" e a condenação aparece como "a pena de mil pesetas de multa, sufrido, caso de impago, o arresto subsidiário correspondente; repressão privada; retirada de su carnet de conducir por término de un mes", "a abone al perjudicado" de umas decenas de mil pesetas "y al pago de las costas procesales".

Recordando...

Confesso que senti um certo receio quando fui pela primeira vez à Celulose (parece-me que, ao tempo, toda a gente se referia assim à fábrica de Cacia).

É que, habituado a uma Escola aberta, sem vedações a contorná-la, sem porteiro, tudo "risonho e franco", aquela rede à volta, a entrada bloqueada, a chaminé alta lançando baforadas de fumo para os céus, as formalidades para entrar... tudo me assustou um pouco.

Além disso, trabalhando desde sempre no meio de crianças acostumado a lidar com a sua ingenuidade, ignorava por completo o que se passava em ambientes fabris e, devo dizê-lo, os comentários ouvidos à mesa do café -- que aliás pouco frequente -- não eram os mais favoráveis.

Depressa, porém, os meus receios desapareceram.

Fui recebido com simpatia pelo Sr. Dr. João de Almeida, meu primeiro chefe, e pelo seu "braço direito" -- como o Sr. Doutor lhe chamou -- o saudoso Américo Peralta.

Começou assim uma nova etapa na minha vida, agradável para mim, proveitosa para os trabalhadores que se sacrificaram a frequentar aquela sala, onde destilámos litros de suor nas tardes tórridas e batemos o dente nas frias tardes de Inverno. (Ao tempo o "lar condicionado" daquele lado da fábrica funcionava muito mal...) Mais tarde lá apareceu um aquecedor, uma ventoinha a até um telefone! Comparado com a penúria das Escolas Oficiais, até parecia um "hotel de cinco estrelas". É que tinha mais, tinha material adequado a um bom desempenho da minha missão: opicar, retroprojector, fotocópias...

Ensinei algumas coisas aos meus alunos, mas também aprendi muito, sobretudo a conhecer melhor a vida, a pensar em factos que eu sabia existirem, mas que me passavam um pouco ao lado.

Um dia, a propósito de um texto, pedi a um trabalhador que me fizesse uma redacção falando da "Mãe". O homem, forte fisicamente, começa a chorar, lágrimas grossas e responde-me: *"...Não posso, já não tenho mãe, não consigo..."*

Outra vez, estava próximo o Natal, falava-se desse evento, agora componham um texto sobre esse assunto.

"- Eu não faço. Não quero lembrar-me do Natal, ainda não me esqueci que, quando miúdo, todos tinham brinquedos e, em minha casa, não havia dinheiro para pão, quanto mais para brinquedos..."

Outro:

"- Sr. Professor, eu já passei muita fome. Agora tenho a minha casinha, o meu carro -- dizia, vaidoso.

"- Amanhã não venho, tenho que ir tirar batatas, rachar lenha, sulfatar a vinha..."

Afinal aqueles trabalhadores, aquelas referências pouco favoráveis ouvidas à mesa do café... não eram para



a Escola

por Prof. Maximo Fonseca

estes, não eram para os meus alunos: operários assíduos, lavradores, estudantes! Pegar ao trabalho na fábrica às oito da manhã, sair às dezassete ir para as aulas até às vinte e três horas -- os que já estudavam em Aveiro -- é obrar! E ainda, tantas vezes, dar conta das lires da casa.

Às vezes, por culpa do calor, ou por culpa do professor, um começava a brincar à boca, logo outro lhe seguia o exemplo.

- Mau! Qualquer coisa não está a correr bem. Nos miúdos é "posso ir fazer chichi?"... e lá dá a vontade a todos. Nos adultos é o bocejão!

Vocês conhecem aquela anedota do ladrão que se disfarçou de freira... Uma insada... e lá estamos de novo no bom caminho.

Resultados? Quanto a "canudos" alcançados, nem tão bom quanto o professor desejava, nem tão mau, ainda assim... Trabalhadores que, vindo alguns com a quarta classe feita à pressa num curso de adultos, conseguiram concluir o Ciclo Preparatório num só ano. Recordo, mesmo, um caso interessante: um trabalhador conseguiu, num mês, preparar-se e fazer, com aprovação, o exame de Francês do Ciclo. (Ainda um dia destes nos encontrámos no quiosque dos jornais e estivemos a recordar "essa avária")

E as aulas lá iam correndo.

Já não eram bem aulas, talvez mais reuniões de amigos, pois, às tantas comecei a ser convidado para casamentos e festas familiares, passei a acompanhar o estudo dos filhos dos trabalhadores que frequentavam estabelecimentos de ensino em Aveiro.

Então a vedação, o fumo, o porteiro, a má impressão daquele ambiente? Pois sim!

Confesso que sinto um grande orgulho quando posso afirmar que também fui um funcionário, embora pequenino, da Celulose de Cacia. E sempre que surge uma oportunidade, lá estou eu a dizê-lo.

E o

"O NOSSO JORNAL" ?

Que boas lembranças temos dele. Que falta nos faz, pois sempre foi a voz da "Família Celulósica". Sempre aguardámos ansiosamente pelos escritos que mensalmente nos trazia e as histórias que nos contava. E que belas histórias!...

Quem não se lembra com saudade dos escritos de D. Branca de Pinho, do "Pião das Nicás", do "Pulsa Pulsa, Coração", e o que de bom deles colhíamos? Quem não se lembra também com saudade das "Parlengas Aldeãs" e do poeta Arteiro? Quem não se recorda dos úteis artigos versando temas etnográficos da região onde o CENTRO DE CACIA se insere? Quem não se recorda da utilidade dos artigos sobre os mais variados aspectos técnicos de funcionamento do nosso CENTRO? Enfim quem não se recorda com alguma saudade do "Cantinho do Paradoxo", da "Aguarela" e de tantos outros títulos difíceis de enumerar?

Qual era o trabalhador do CENTRO DE CACIA que não se sentia decerto modo orgulhoso ao ler em "O Nosso Jornal" notícias como as que se seguem: "PORTUGAL PIONEIRO DAS PASTAS DE EUCALIPTO"... O que é certo -- e por isso nos orgulhamos -- é que o mérito dessa iniciativa, investigação e pioneirismo, pertence a Cacia. É necessário que se afirme que a introdução de pastas de eucalipto nos mercados europeus, anos depois entendidos a outros continentes, se deve AOS TÉCNICOS DO CENTRO DE CACIA.

Ou ainda esta: NO CENTRO FABRIL DE CACIA, o ano de 1984 ficará assinalado por se ter atingido A PRODUÇÃO ACUMULADA DE 3 MILHÕES DE TONELADAS DE PASTAS BRANCAS. Esta é a evidente demonstração da importância da nossa fábrica e do valor dos seus trabalhadores; ou ainda esta outra, em 6 de Fevereiro de 1989: PREFIZEMOS QUATRO MILHÕES DE TONELADAS DE PASTAS COZIDAS! Insistimos em assinalar que o "O Nosso Jornal" era, devido ao seu interesse, lido pelas famílias dos trabalhadores e solicitado insistentemente pelas mais variadas entidades deste país, entre as quais muitas das escolas secundárias da região averdense. E até de Coimbra e de Lisboa!

Porque o "O Nosso Jornal" foi considerado no género, um dos melhores Órgãos de Formação Cultural, organizado, colaborado e dirigido por trabalhadores e, consequentemente um veículo de projecção da nossa empresa. Impõe-se urgentemente o reinício da sua edição e distribuição.

Carlos Alberto Abreu

FUTEBOL & SULFATO DE SÓDIO

por M. G. Queiroz

1 - FUTEBOL

O ano de glória do futebol português foi 1966 em Inglaterra. Já lá vão 30 anos...

O entusiasmo dos adeptos, estimulado pelas excelentes exposições que a televisão já nos ia proporcionando, foi subindo num crescendo contínuo, sobretudo depois da brilhante vitória sobre o Brasil que ficou eliminado mesmo antes da chegada de um enorme paquete repleto de orgulhosos e entusiasmados adeptos brasileiros que vinham confiados na conquista de mais um campeonato do mundo. Quando o paquete atracou já o Brasil tinha sido eliminado devido à derrota com Portugal na fase inicial das eliminatórias.

Nos quartos de final coube a Portugal defrontar a enigmática Coreia do Norte, adversário pouco conhecido mas que se afigurava acessível à equipa portuguesa, sobretudo depois das boas exposições iniciais desta, contudo, mal este jogo começou, os coreanos, com uma velocidade diabólica -- um autêntico turbilhão -- ficaram logo a ganhar por três a zero. Grande decepção para quem seguia o jogo pela televisão! Os jogadores portugueses, porém, acalmaram-se e começaram a desenvolver as suas brilhantes jogadas. Foi então que os apreciadores que seguiam o jogo em todo o mundo começaram a abrir as bocas perante as proezas de um jovem de 18 anos que logo reduziu o resultado para 3-2 antes de terminar a primeira parte. Na segunda parte meteu mais um gol e o resultado final ficou em 5-3 a favor de Portugal...

Influenciado pela pronúncia dos comentadores de língua inglesa, os espectadores de todo o mundo passaram a falar do Inssibia (Eusébio) e também do Tors(Torres) Colana (Coluna) etc.

"Inssibia" passou desde então a ser admirado em todo o mundo, enfileirando na restrita galena dos maiores jogadores de futebol de todos os tempos.

Com a vitória por 5-3, depois de estar a perder por 3-0, a equipa de Portugal ganhou enorme admiração e simpatia em todo o mundo e as hipóteses de chegar ao topo da classificação começaram a ganhar consistência, embora estivessem ainda em campo as poderosas Inglaterra, Alemanha e Rússia!

Na meia final calhou a Portugal defrontar a Inglaterra que dispunha então de uma equipa famosíssima que nunca mais teve outra desde então. No entanto, apesar do desgosto do jogo anterior com a Coreia, a equipa portuguesa bateu-se galardosamente de igual para igual e sucumbiu apenas por um tangencial 2-1. Durante o jogo, para raiva nossa, o Eusébio foi martirizado por um defesa duríssimo (Bob Styles) que recorreu constantemente a cargas excessivamente viris, para muitos espectadores dos possíveis sem punição devido a uma excessiva complacência do árbitro.

E do final desse jogo ficou a famosa imagem, ainda hoje muitas vezes repetida, do Eusébio desolado a limpar as lágrimas à suada camisola das quinas...

A decepção entre os espectadores televisivos do nosso país também foi grande, sendo difícil de aceitar sobretudo a excessiva rudeza do Bob Styles ao marcar Eusébio.

Para alguns ingénuos patriotas o jogo deveria ser protestado, anulado e repetido. (A Inglaterra foi depois campeã, face à Alemanha, classificando-se Portugal em terceiro lugar depois de vencer a União Soviética).

2 - SULFATO DE SÓDIO

Em Valongo, arredores do Porto, funcionava por essa altura a conhecida fábrica da CIFA (Companhia Industrial de Fibras Artificiais) cujo mais conhecido produto era uma película de plástico transparente conhecido por "Celofane".

O Celofane e outras fibras artificiais eram obtidos pela transformação da chamada "Celulose solúvel" ou "pasta solúvel" em celulose repolimerizada através da sucessão de fases "alcali-celulose", "xantato de celulose" e "celulose repolimerizada", "vis-

cosé" ou "raione" (também chamada seda artificial).

A fábrica de Cacia (como as outras celuloses que existem em Portugal) não produzia a "celulose solúvel" mas sim a celulose papelreira. Há entre estas uma diferença química fundamental: é que na "celulose solúvel" é eliminada a quase totalidade das hemiceluloses que iriam prejudicar as operações de "xantato" e repolimerização, baixando muito o rendimento e prejudicando a qualidade e limpeza do produto pretendido. Na celulose papelreira, ao contrário, as hemiceluloses são desejáveis pois facilitam a colagem fibra-a-fibra, facilitam a refinação e aumentam as resistências do papel.

De passagem, deixamos aqui uma lembrança curiosa: a Celbi foi instalada e começou a trabalhar com uma licença para fabricar "pasta solúvel", eliminando as hemiceluloses pelo processo de uma pré-hidrólise anterior à cozedura. Não teve grande sucesso neste mercado pelo que logo requereu uma modificação do Alvará de modo a poder fabricar pasta papelreira (sem pré-hidrólise). Surgiu logo no rasto de Cacia, a pasta CELBI (PP que rapidamente se afirmou no mercado europeu aberto por Cacia).

Era o tempo do "condicionamento industrial", eufemismo para evitar que as indústrias já instaladas fossem prejudicadas pelo aparecimento de novas concorrentes.

Pela mesma razão, a SOCEL requereu também um alvará para "pasta solúvel" mas alterou-o ainda antes de iniciar a instalação e o funcionamento, pelo que só fabrica "pasta papelreira".

A C.P.C., como era conhecida a fábrica de Cacia, tinha relações com a CIFA de Valongo não por ser fornecedora, visto não fabricar "pasta solúvel", mas sim como cliente. É que no processo de fabrico do Celofane formava-se um sub-produto que consistia essencialmente em sulfato de sódio. Ora, como se sabe, o sulfato de sódio é o ingrediente que dá o nome ao processo de fabrico da pasta "ao sulfato". A CIFA pretendia logicamente encontrar na CPC-Cacia um cliente para o seu sub-produto mas levantava-se aqui um grande dificuldade: é que o sulfato de sódio da CIFA era muito contaminado com sais de crómio o que dificultava a sua redução a sulfureto, corava as lixívias, contaminava as pastas e os efluentes com metais pesados e prejudicava o branqueamento das pastas.

Razões de peso poderiam tomar aquele artigo convidativo para a CPC desde que aqueles inconvenientes pudessem ser controlados ou minimizados. A solução mais prática era usá-lo em pequenas quantidades diluindo estas em porções maiores de sulfato de sódio sem crómio. O assunto exigia atenção permanente e eram necessárias muitas informações sobre os teores de crómio, concentração de produto activo, disponibilidades e ritmo de entregas, etc.

3 - LIGAÇÕES TELEFÓNICAS

O Eng. Carlos Valente que então dirigia o laboratório da CPC necessitou de esclarecimentos de pormenor sobre um possível fornecimento de sulfato de sódio da CIFA e por isso pediu à telefonista uma ligação urgente para a CIFA - Valongo.

A telefonista da C.P.C. era a famosíssima Menina Laura, ou Laurinha, de quem ninguém pensaria que jamais tivesse presenciado um jogo de futebol pois os seus castos ouvidos não poderiam tolerar os vaticínios desabafos dos espectadores, quer os dirigidos aos adversários quer, sobretudo, os que exprimiam as mais desafortunadas desconfiças sobre a seriedade das mães dos árbitros...

Mas as aparências iludem e, como se vai ver, também a Laurinha tinha seguido com interesse na televisão o Inglaterra-Portugal e partilhava todas as desilusões e descontentamento generalizados. Por isso, quando o Eng. Valente lhe pediu a ligação para a "CIFA - Valongo" ela terá ouvido, por semelhança fonética "FIFA - London". Na sua patriótica excitação estava convencida que o jogo do dia anterior deveria ser protestado e repetido e, na

Para a história da Cantina da C.P.C.

por Lamy Laranjeira

1. No decorrer do último semestre do já distanciado ano de 1953, o pessoal dirigente e os técnicos finlandeses da montagem das instalações fabris da Companhia Portuguesa de Celulose almoçavam no café-restaurant do conhecido Chico Simões, que, em geral, fornecia aos comensais uma refeição constituída pelo clássico bife acompanhado de batatas cozidas e, como sobremesa, queijo e café.

Naquele período anual, a recém empresa de celulose não possuía ainda cantina, cuja actividade social se iniciou nos princípios do ano seguinte.

A Cantina, importante empreendimento social, instalou-se num moderno edificio construído propositadamente para aquele fim, ficando a usufruir duma ampla e arejada cozinha com três grandes marmitas a vapor, um avantajado fogão a gás, uma fritadeira eléctrica, um descascador de batata, uma máquina de lavar pratos, e mais diverso material de cozinha, além de um comprido balcão em aço, que separava a cozinha dos dois refeitórios do rés-do-chão, um para os homens outro para as mulheres.

No primeiro andar, o prédio dispunha de duas salas de refeições: - a mais pequena para o pessoal dirigente e a seguinte para o pessoal administrativo.

A Cantina tinha ao seu serviço 2 a 3 cozinheiros, um ajudante e cerca de 15 mulheres para a limpeza das salas e para a distribuição das refeições pelas quatro salas existentes. Além deste pessoal, havia ainda um encarregado e um despenseiro.

As refeições eram previamente marcadas de véspera e compunham-se de sopa à discrição, de um prato de peixe ou carne, à escolha, de pão, de uma garrafa de 2,5 decilitros de vinho tinto ou branco, e de uma peça de fruta, como sobremesa.

Diariamente, o menu variava. Um dos pratos de grande agrado dos comensais, era o tradicional bacalhau cozido com batatas ou grão, e que era bem azeitado pelo requerente, além da conhecida dobrada, do bacalhau à Gomes de Sá, dos bolos de bacalhau com azeitonas e arroz, do clássico bife com batata frita e ovo e outros pratos de agrado geral que já não recordamos.

Horário estabelecia que os almoços seriam servidos entre as 12 e 14 horas para o pessoal do horário geral, enquanto o pessoal de turno teria as suas refeições no próprio local de trabalho e servidas em pequenas marmitas individuais, segundo o mesmo horário.

Para se iniciar o funcionamento da Cantina, tivemos que visitar alguns outros refeitórios em actividade em outras importantes empresas, como o do Amoniaco Português, em Estarreja, e o da MABOR, em Lousada. Nesta última visita fomos acompanhados pelo director administrativo, eng. Villas Boas, e pelo Pericão Galo. Nesta última empresa, colhemos elementos de grande utilidade, pelo que, nos dias seguintes os funcionários Lamy e Pericão redigiram um esclarecido relato da visita com várias sugestões aproveitáveis e com vários documentos então seguidos pela MABOR.

Porém, este nosso trabalho foi inteiramente reelaborado pelo eng. Villas Boas que, ao fim duma semana, o remeteu à administração com omissão dos seus autores. Era um trabalho conciso com sugestões que serviram de base organizativa da Cantina.

Na marcação das refeições utilizavam-se senhas que se adquiriam no "Caixa" em livros de seis senhas para as refeições de carne, peixe e vinho. No final da quinzena ou do mês, o custo dos livros era descontado na fatura ou na remuneração do utilizador.

E dentro deste esquema simplista de funcionamento, a Cantina durante os seus primeiros quinze anos de actividade nunca registou qualquer intoxicação alimentar, como, actualmente, se tem verificado em outras cantinas, conforme o relatado na imprensa diária.

2. Mas os tempos rolaram atrás de outros tempos. Chegou-se a 1968, ano de começo e de intensa actividade da 1ª Direcção Fabril, composta pelo eng. Rui Ribeiro, director fabril, eng. Carlos Valente, director da produção e manutenção e Dr. Lamy Laranjeira, director administrativo. Esta direcção procurou desde logo imprimir maior dinamismo e dar soluções aos vários problemas técnicos,



económicos e sociais da C.P.C.

Numa das suas primeiras reuniões, discutiu-se o assunto da Cantina cuja estrutura funcional se revelava então desajustada. Resolveu-se por unanimidade proceder à organização e funcionamento dum auto serviço, já então adoptado, com relativo sucesso, em diferentes organismos empresariais, nomeadamente na SOCEL e autorizar o derubamento da parede do rés-do-chão da sala do refeitório, criando-se assim um salão bastante amplo e capaz para todos os trabalhadores sem excepção das suas categorias profissionais.

Assim se procedeu. O director administrativo já conhecedor em parte, da actividade da cantina de Setúbal e de acordo com o então capitão Vasconcellos, na altura director administrativo da SOCEL, entusiasmou o encarregado Maia de estagiar cerca de uma semana naquele refeitório, colhendo assim o maior número possível de informações e de elementos organizativos.

O Maia apresentou um sintético relato daquilo que o tinha interessado, com especial destaque para a aquisição de géneros, marcação das refeições e menus, utensílios de cozinha e pouco mais.

Com os elementos disponíveis e o conhecimento adquirido em outras rápidas visitas a "self-services" existentes, fizeram-se algumas obras de adaptação na cozinha, como a construção duma câmara frigorífica, da modificação do balcão que ficou sectionado para os pratos de peixe, carne, pão, vinho e sobremesas; na extremidade final, o balcão tinha uma máquina registadora, que dava de imediato o preço da refeição.

A despensa da cozinha situava-se na cave do edificio, e possuía dois grandes frigoríficos, agora dispensados, cubas e recipientes para o arroz, açúcar, batatas e outros géneros, estrados para o bacalhau, prateleiras para as garrafas de vinho de marcas, conservas, queijo, etc., etc...

O funcionamento do auto serviço foi organizado em moldes simples. Os comensais, depois de instruídos previamente, encaminhavam-se, em fila e sem pressas, para o balcão, começando por se munirem de um tableteiro onde depositavam a tigela ou mais tigelas de sopa, o prato de carne ou peixe, o pão, a fruta ou doce, a garrafa de vinho tinto ou branco, o copo e os talheres.

No final da refeição, os utentes dirigiam-se ao pequeno BAR, paredes meias com a sala do refeitório, onde tomavam café, normalmente acompanhado de um cálice de bagaço ou brandy, consoante a vontade. Naquele intervalo de hora, o movimento da clientela no BAR era bastante elevado, e o saudoso José Maria com o seu companheiro de balcão não tinham mãos a medir, no fornecimento dos muitos cafés e no recebimento de senhas e dinheiro para pagamento.

Com o auto-serviço, o movimento diário das refeições acusou um acréscimo apreciável, passando para cerca de 800 a 900 refeições e em certos dias em que a refeição era constituída por bacalhau cozido com batatas ou bifes com batatas fritas, o número de refeições servidas passou a oscilar entre as 1000 e as 1200.

3. Depois desta panorâmica genérica sobre a Cantina dizemos ainda que alguns casos ficaram omissos, algo propositadamente, enquanto outros já por culpa da nos-